

IMORTAL

Amosia

OUTRAS OBRAS DE SUE LYNN TAN PUBLICADAS PELA ALTA NOVEL

A DUOLOGIA DO IMPÉRIO CELESTIAL:

A filha da deusa da lua

O coração do guerreiro do sol



IMORTAL

SUE LYNN TAN

Tradução
Rafael Surgek

AN ALTA
NOVEL

Rio de Janeiro, 2026



Imortal

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 SUE LYNN TAN

ISBN: 978-85-508-3038-4

Translated from original Immortal. Copyright © 2025 by Sue Lynn Tan. ISBN 9780063267619. This translation is published by arrangement with Harper Voyager, an imprint of HarperCollins Publishers, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T3631

Tan, Sue Lynn;

Imortal / Sue Lynn Tan ; tradução de Rafael Surgek.
– 1.ed. – Rio de Janeiro : Alta Novel, 2026.

496 p. ; 13,7 x 21 cm.

ISBN 978-85-508-3038-4

1. Ficção norte-americana. 2. Fantasia épica.
3. Romance fantástico. 4. Mitologia chinesa – Ficção.
5. Amor – Ficção. 6. Política – Ficção.
- I. Título. II. Surgek, Rafael.

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana contemporânea (813.6)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenação Editorial: Beatriz de Assis e Illysbelle Trajano

Tradução: Rafael Surgek

Copidesque: Susane Schmieg

Revisão: Denise Himpel

Mapa: Charis Loke

Diagramação: Natalia Curupana



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

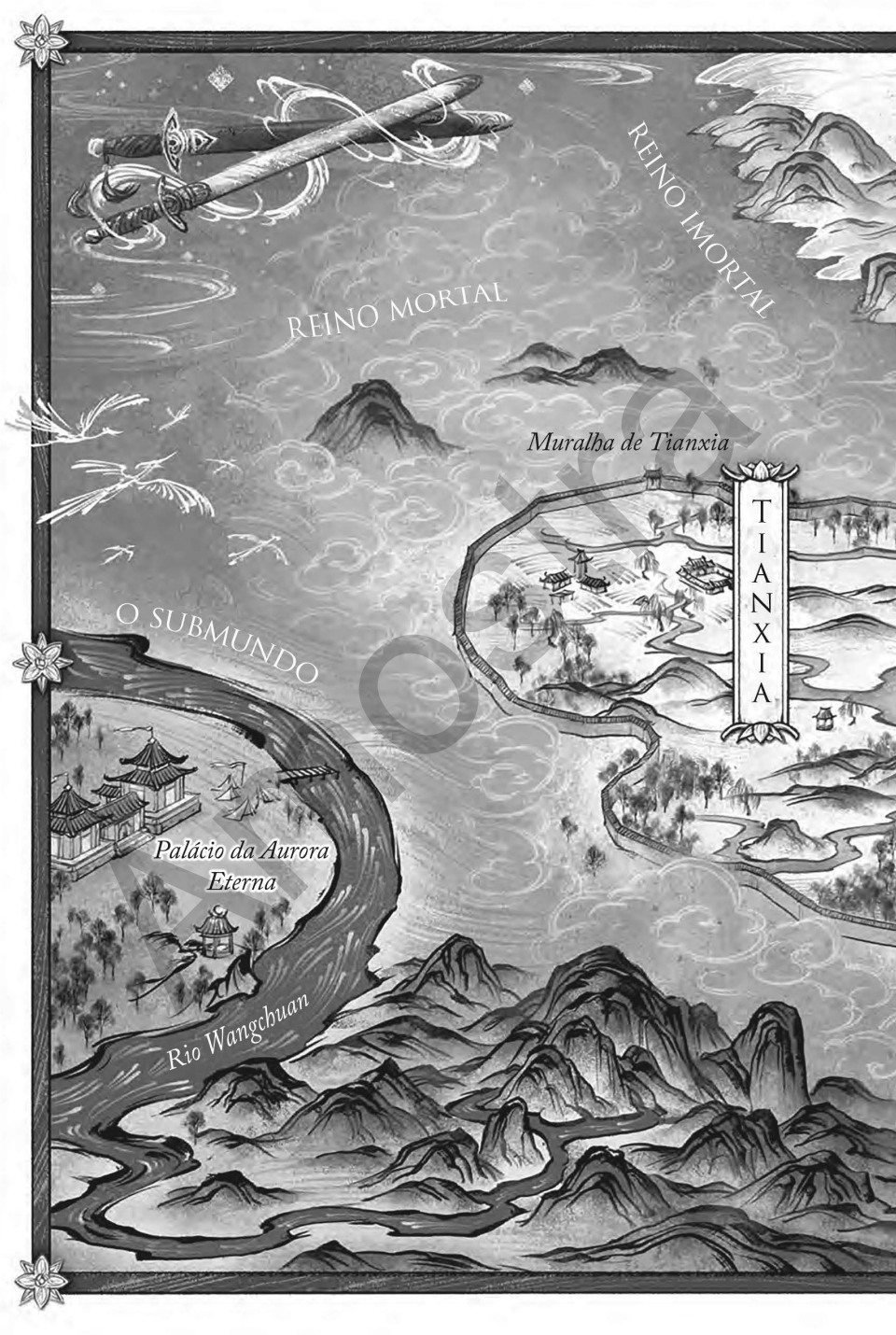


Editora
afiliada à:



Para quem alguma vez já se sentiu insuficiente.

Amostra



REINO MORTAL

REINO IMORTAL

Muralha de Tianxia

TIANXIA

O SUBMUNDO

Palácio da Aurora
Eterna

Rio Wangchuan

IMPÉRIO
CELESTIAL

Palácio da Luz Radiante

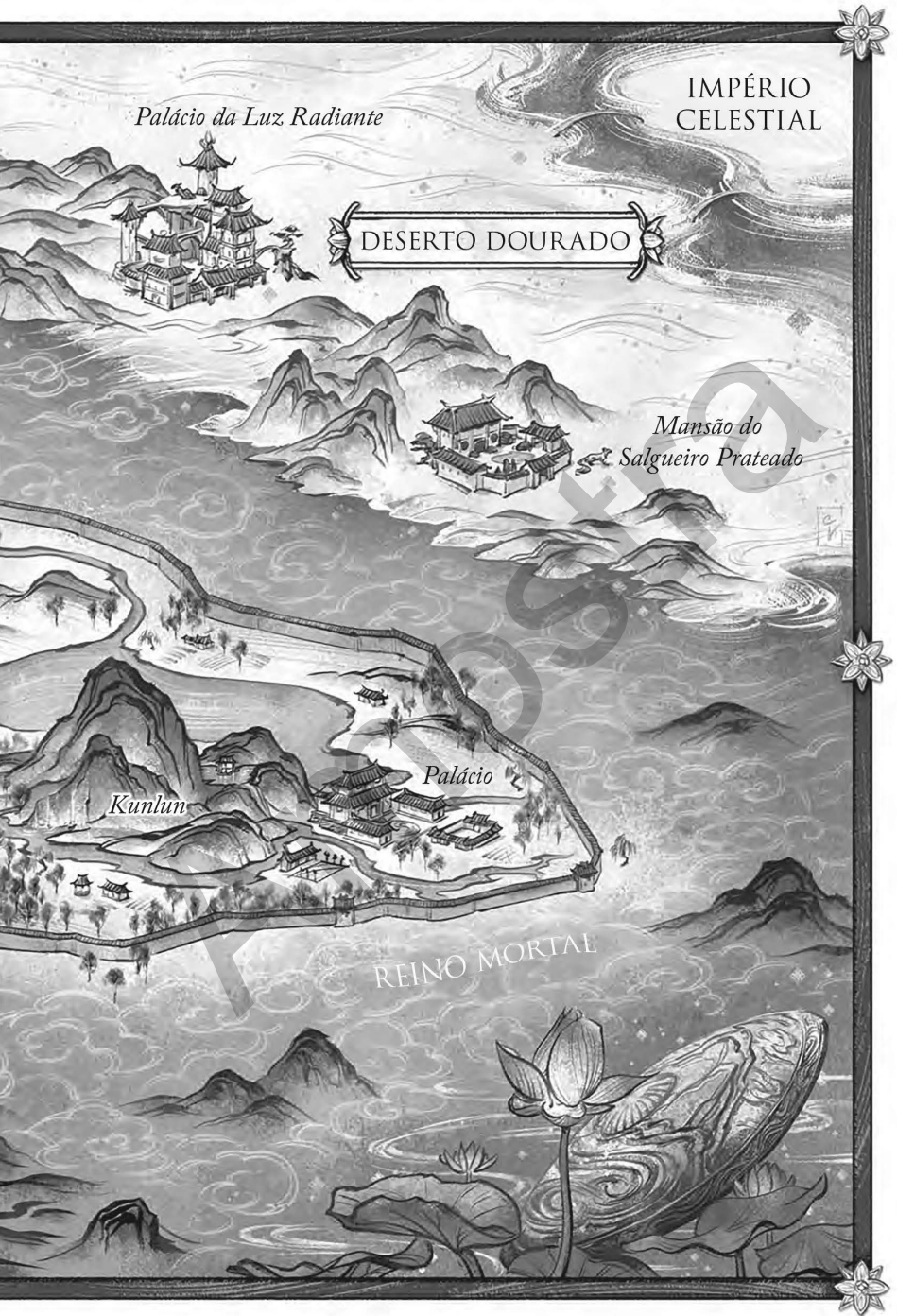
DESERTO DOURADO

*Mansão do
Salgueiro Prateado*

Kunlun

Palácio

REINO MORTAL



Amostra

PARTE
UM



Amostra



*O Deus da Guerra era conhecido por três atributos:
seu poder inigualável;
sua devoção à rainha imortal;
seu coração de gelo, desprovido de qualquer misericórdia.*



O FOGO IRROMPEU EM MINHA CASA, devorando os pilares de mogno e o teto verde-musgo, as pinturas em pergaminho e os tapetes de seda. Nos jardins, as magnólias, os bambus e os jasmims sucumbiam às chamas e a fumaça fustigava o ar.

O coração do Deus da Guerra podia ser feito de gelo, mas o fogo era sua arma predileta. Os imortais haviam se voltado contra nós e eu não sabia por quê.

Meu avô era o Senhor de Tianxia e, até então, havia sido um súdito leal e de confiança da Rainha do Deserto Dourado nos céus. Muito tempo atrás, nosso reino jurou servir aos imortais, que nos protegeriam de um inimigo temível e, para isso, ergueram uma muralha ao redor de Tianxia com sua magia. Dizia-se que o restante do mundo, para além dessas fronteiras, vivia na ignorância acerca dos imortais — enquanto nós éramos os guardiões de seus segredos. Alguns poderiam imaginar que éramos privilegiados por servi-los. Mas, embora vivêssemos à sombra dos deuses, não nos sentíamos mais próximos deles.

Esta noite deveria ser de triunfo. Depois de tantos anos, meu avô finalmente havia assegurado o precioso tesouro que a rainha imortal desejava. E, embora muitos estivessem ávidos por vê-lo, ele os impedia, mantendo-o trancado em segurança.

— Um tesouro assim traz mais problemas do que benefícios. A cobiça transforma homens honestos em ladrões — confidenciara-me, acrescentando em tom sombrio: — Os imortais não são conhecidos por sua misericórdia.

Essas últimas palavras ecoaram em mim quando gritos de terror soaram às minhas costas, acompanhados pelo estrépito de passos apressados e pelo relinchar frenético dos cavalos. O odor espesso de fumaça impregnava o ar, provocando em mim uma forte tosse. Minha mão, úmida de suor, permanecia presa à de meu avô enquanto ele me puxava pelos corredores do palácio. Corremos; meu peito se comprimia cada vez mais, até eu achar que iria se romper, mas não ousei vacilar.

Eu não era forte — tinha constituição frágil, segundo os médicos. Quando julgavam que eu não os ouvia, conjecturavam sobre minha condição em tons perplexos, incapazes de associá-la a qualquer enfermidade conhecida. Meu avô contratou tutores particulares para que eu estudasse no meu próprio ritmo e meu melhor amigo, Chengyin, muitas vezes me acompanhava. Não estava doente, mas tampouco me sentia bem — sempre exausta, um passo atrás dos demais. Nada dissipava o frio na carne, aquela sensação constante de inverno sob a pele. Após a morte de meus pais, muitos insistiram para que meu avô se casasse novamente ou adotasse outro herdeiro — mais forte —, mas ele recusou.

— Minha neta é insubstituível.

Na corte, sussurravam às minhas costas; os mais cruéis apostavam quantos anos ainda me restavam, enquanto outros, mais prudentes, embora não menos maliciosos, aguardavam em silêncio, ávidos por uma rara oportunidade de ascender ao trono. E talvez... um deles tivesse tentado apressar minha partida.

Lembrei-me do instante em que o veneno cravou as garras em meu corpo, poucas semanas atrás. Atingiu-me como um relâmpago,

drenando o pouco vigor que tinha, minha alegria, minha vontade de viver. Tornei-me uma sombra de mim mesma, à deriva entre a consciência e a escuridão. Uma mecha de meus cabelos embranqueceu da noite para o dia — não como a alvura da neve, mas como o fulgor das estrelas. De nada adiantaram os tônicos que bebi, os remédios que os médicos me administraram, cada vez mais amargos e nauseantes. Nada surtiu efeito; uma fadiga implacável pesava sobre meu corpo até parecer que eu estava envolta em um sudário. Nos piores dias, a dor escavava minha carne com uma febre cruel.

Foi uma vidente, uma velha enrugada, quem afirmou que meu estado se devia a ter bebido das águas do Rio Wangchuan, no Submundo. Apontou para meus cabelos, assentindo com ar sábio ao declarar:

— As águas da morte não foram feitas para os vivos. Não há cura conhecida.

A maioria zombou dela; era impossível que tal coisa existisse em nosso reino, se é que existia. Meu avô foi o único a acreditar... talvez porque ninguém mais tivesse uma explicação.

Apesar do prognóstico sombrio, ele continuou a buscar um antídoto, oferecendo uma grande recompensa, embora nada tivesse funcionado.

Enquanto avançávamos apressados, um arrepio me percorreu; eu já não lembrava quando fora a última vez que sentira calor. Os olhos de meu avô corriam em todas as direções, tão diferentes de sua habitual serenidade. Quis perguntar o que provocara a ira dos imortais, mas temi angustiá-lo ainda mais. O coração dele era frágil; os médicos o advertiram contra qualquer esforço excessivo. À medida que a ansiedade crescia, lutava para contê-la. O medo é contagioso, se não for contido, macula todos os espíritos.

— Liyen, você está bem? Consegue acompanhar? — A voz de meu avô soava rouca, carregada de urgência.

Assenti, embora ambos soubéssemos que era mentira. Minha respiração era irregular, a dor pungia o peito enquanto eu me forçava adiante. Ao dobrarmos uma esquina, tropecei e adentrei um pátio

desconhecido. Um muro circundava o jardim; lâminas de relva roçavam meus joelhos e os galhos de árvores ressequidas se abriam como braços retorcidos. O abandono pairava ali como névoa. Meu avô bateu ao longo da parede, arrancando uma cortina de trepadeiras para revelar uma pequena porta, trancada com uma barra de ferro enferrujada. Uma chave reluziu em sua mão e ele a introduziu na fechadura. Quando o mecanismo cedeu com um estalo, ele lançou a barra ao chão e empurrou a porta, revelando a floresta além.

— Precisamos correr — disse.

— Sim, avô.

Minha voz era firme, embora as pernas tremessem e pontos de luz salpicassem minha visão.

— Eu... só preciso de um instante.

Forcei-me a avançar, mesmo enquanto o corpo cedia contra o muro.

Meu avô pareceu murchar. Enfiou a mão na manga, de onde retirou uma pequena flor. Um lótus resplandecente, cujas pétalas iridescentes cintilavam como gelo sob o sol.

— Eu pretendia esperar, Liyen, mas preciso lhe dar isto agora. Tome.

Algo em seu tom fez-me hesitar quando deveria obedecer sem vacilar.

— O que é isso?

Ele pousou a mão em meu ombro e fitou meu rosto. Fazia isso sempre que tinha algo importante a dizer, quando queria ter certeza de que eu estava escutando.

— Liyen, você está morrendo. As águas do Rio Wangchuan são fatais para nós, mortais.

Recuei diante de suas palavras, negando com a cabeça por instinto. Eu já ouvira esse aviso dos curandeiros antes, mas ouvi-lo de meu avô extinguiu o último lampejo de dúvida... e de esperança. A morte nos persegue desde o nascimento, ceifando até os mais fortes — e, embora esse seja nosso destino, poucos o aceitam de bom grado.

Ele pestanejou, seus olhos brilhavam estranhamente. Minha própria angústia transbordou.

— Fiz tudo o que os médicos pediram. Tentei de tudo. Não quero morrer, avô. Não quero deixá-lo.

— Não foi sua culpa, Liyen. A vida não é justa. Não podemos escolher como os dados caem, mas podemos decidir se continuamos a jogar. — Ele pareceu subitamente velho e grisalho, exausto. — O lótus é o antídoto para o que a aflige, o único que existe. Somente ele pode neutralizar as águas do Rio Wangchuan... contanto que você tenha vontade de viver.

— Quem não teria?

Uma dor se expandiu em meu peito, latejante, por *desejar* algo com tanta intensidade e temer que estivesse fora de alcance. A esperança era um luxo ao qual raramente me permitia. Quando os dias são sombrios, esquecemos que a aurora existe.

Meu avô afagou o topo de minha cabeça.

— Aceite o lótus. Então fugiremos e voltaremos quando for seguro — disse ele, com a cadência ritmada de quem narra uma história.

Um estrondo ecoou ao longe; o teto de um salão próximo desabou. Sem vacilar, meu avô estendeu o lótus em minha direção.

Hesitei, mas não havia ninguém em quem eu confiasse mais. O que eu tinha a perder? Já estava morrendo.

Tomei a flor, aninhando-a nas mãos. Era morna ao toque e aplacava o frio amargo em meu corpo. As pétalas tremeram, desfazendo-se em centelhas brilhantes que deslizaram até mim, desaparecendo em meu peito. Um calor cintilou, transformando-se em febre ardente que percorreu minhas veias. Curvei-me, sentindo como se as costuras do corpo se desfizessem. Um grito quase escapou, mas mordeu a língua, receosa de alertar aqueles de quem fugíamos. Uma respiração, depois outra. Enquanto isso, o fogo abrasador rugia dentro de mim, seguido por um torpor gélido que me deixou incapaz de me mover ou falar.

— Liyen!

Escutei chamarem meu nome; tia Shou atravessou o pátio às pressas. Parte dos cabelos grisalhos escapara do coque e um grampo de jade pendia torto. Tia Shou era uma das confidentes mais leais de meu avô, a amiga mais próxima de minha mãe — e tornara-se outra guardiã para mim após a doença que levava meus pais à morte. Eu era jovem demais para compreender plenamente aquela perda; as lembranças de meu pai e de minha mãe ainda me surgiam turvas, como um sonho pela metade. Mesmo assim, sempre senti que algo faltava em minha vida.

No mesmo instante em que ela pousou a palma fria em minha testa, o filho dela, Chengyin, juntou-se a nós. Ele agachou-se ao meu lado, com os olhos castanhos anuviados de preocupação. Tia Shou o adotara ainda bebê, salvando-o do abandono — talvez por causa da marca de nascença que cruzava sua têmpora.

Ele era “azarado”, conforme proclamaram os videntes, porém tia Shou ignorou todos. Chengyin era agora meu melhor amigo, apesar de nossa infância contenciosa, quando ele puxava meus cabelos e ria de mim sem o menor respeito por minha posição. Só mais tarde compreendi que aquilo fora um presente: ele sempre me enxergara por quem eu sou.

— O que há com Liyen? — questionou tia Shou. — Por que não consegue se mexer ou falar?

— Eu lhe dei o Lótus da Pérola Divina — respondeu meu avô, grave.

As linhas delicadas ao redor dos olhos de tia Shou se aprofundaram.

— Pensei que o estivesse guardando para a Rainha Caihong — murmurou. — Sua Majestade veio pelo lótus. Está furiosa porque o senhor ignorou sua convocação e aguarda no salão principal com o Deus da Guerra. Os imortais não cessarão os ataques até que o lótus seja entregue.

Fitei meu avô, horrorizada, enquanto o remorso me dilacerava. Eu suspeitara que o lótus não pertencia ao meu mundo — talvez fosse fruto de uma magia que nos era vedada... Ainda assim, o acei-

tei. Eu queria viver. Mas jamais imaginei que tivesse sido tomado da rainha imortal.

Meu avô levou a mão à testa.

— Shou-yen, você perdeu uma filha; conhece essa dor. Naquela época, se houvesse uma chance de salvar Damei, você teria hesitado?

Tia Shou fechou os olhos.

— Eu teria feito qualquer coisa.

— Foi o que fiz — afirmou ele, com firmeza. — Descobri o antídoto tarde demais; a rainha já estava a caminho. Se eu não tomasse o Lótus da Pérola Divina, os imortais o tomariam e Liyen morreria. Ela é a última da minha linhagem; eu não posso perdê-la também.

— Por que não pediu à Rainha Caihong?

— Desde quando os imortais consideram nossos desejos antes dos deles? A ordem da Rainha Caihong foi clara; o lótus é precioso para ela. Além disso, seu humor anda volátil. Se eu tivesse pedido, ela teria recusado, e talvez se enfurecido, e a oportunidade de tomá-lo estaria perdida.

Tia Shou entrelaçou as mãos enquanto seu corpo cedia.

— Os imortais não terão piedade de nós. O Deus da Guerra reduzirá Tianxia a cinzas.

Meu avô ergueu o rosto, tingido de prata pelo luar.

— Confessarei e pedirei que a punição recaia apenas sobre mim. Era o que eu pretendia fazer depois de garantir que Liyen estivesse a salvo.

Não! O grito brotou em mim sem voz; eu era um espectro naquele instante, uma casca vazia. A mente permanecia desperta, mas o corpo jazia imobilizado, deixando-me indefesa.

Tia Shou agarrou a manga de meu avô.

— Precisa ter cuidado. E se o ferirem?

— Então esse será o preço pelo meu furto. — Ele lhe afagou o braço antes de se afastar. — Trouxe essa calamidade sobre nós. Eu arcarei com a pena, mesmo que custe minha vida.

— Falei por impulso. Os deuses esquecerão. Talvez perdoem...

— Não farão nem uma coisa nem outra. — O sorriso de meu avô era tão luminoso e resoluto que doía. — Você disse a verdade, minha amiga. Sempre disse a verdade para mim, mesmo quando ninguém mais ousava, e é por isso que suas palavras têm valor.

— E Liyen? — Tia Shou estava pálida. — Precisa pensar nela também.

— Penso nela *a todo instante*. Foi por isso que fiz o que fiz, para lhe dar uma chance.

Estremeci, estendida no chão.

— O que acontecerá se os imortais a encontrarem? — perguntou tia Shou. — O que farão com ela se descobrirem o lótus?

— Você deve esconder Liyen até que o Lótus da Pérola Divina se funda por completo ao corpo dela. Só então sua presença ficará oculta e ela poderá retornar em segurança. Depois que o lótus se une a alguém, não pode ser tomado, apenas oferecido por um coração voluntarioso.

Meu avô pousou a mão no ombro de tia Shou.

— Posso contar com você para cuidar dela?

Quis implorar que ficasse conosco, dizer que eu permitiria que os imortais arrancassem seu prêmio de minha carne se o deixassem partir — mas não tinha voz para expressar meus pensamentos, nem lágrimas que corresse para aliviar as lamúrias que me consumiam.

— Sim. — A voz de tia Shou falhou de emoção. — Eu a tratarei como se fosse minha.

Meu avô assentiu.

— Leve-a com você. Agora. Um refúgio foi preparado ao sul da muralha. Eu deterei os imortais para lhes dar tempo de fugir.

Quando ele me tomou nos braços, uma angústia cinzenta impregnou meu coração. Se eu fechasse os olhos para aquele pesadelo, quase podia imaginar que estava de volta em minha cama e que ele me desejava boa noite — não fosse o sal do medo impregnado em sua pele e as lágrimas que umedeciam a face encostada à minha.

Fui tomada por ódio contra os deuses que exigiam nossa obediência e não respondiam às preces, que ameaçavam nossas vidas pela

menor ofensa, fustigando nosso mundo com desgraças sempre que se sentiam contrariados. Não me importava se desta vez as regras estivessem ao lado deles, se suas ações fossem consideradas justas — se ferissem minha família... pagariam por isso.

Meu avô inclinou-se para soltar um ornamento preso à própria cintura e o amarrou à minha. O selo imperial, um jade amarelo entalhado com um escudo circular, uma relíquia sagrada de nosso reino. Ele jamais estivera sem ele — e vê-lo ceder aquilo agora partiu-me o coração.

— Viva uma vida digna, Liyen. Não se consuma em luto nem em vingança. Não quero arrependimentos para você. — Suas palavras soaram claras. — Zele por Tianxia: busque paz e felicidade para nosso povo, governe com compaixão e firmeza. Sirva lealmente à rainha imortal e talvez consiga aquilo que não fui capaz: a liberdade de nosso povo. Não podemos viver para sempre atrás dessas muralhas. O mundo além também nos pertence.

Ele me apertou com força. Quando me soltou e se afastou a passos firmes, uma dor me atravessou, mais afiada que qualquer lança. Como desejei romper aquela prisão do próprio corpo para detê-lo, mas meus apelos estavam soterrados no silêncio da mente.

Tia Shou tomou minha mão na sua, fina como papel.

— Liyen, você precisa ser forte. Seu avô conhecia os riscos de roubar dos deuses. Se ofender a Rainha do Deserto Dourado, condenará não apenas a si mesma, mas também seu povo. — Ela fechou os olhos por um instante. — Eu odeio isto, mas o preço deve ser pago. Seu avô o aceitou; nós também devemos aceitar. Aconteça o que acontecer, honrarei a promessa que fiz a ele de mantê-la em segurança.

Quando Chengyin segurou minha mão, meu olhar suplicou por ajuda.

— Sinto muito — murmurou ele. — É perigoso demais aqui. Precisamos levá-la para um lugar seguro.

Tia Shou assentiu e Chengyin me ergueu às costas com facilidade. Eu perdera peso nas últimas semanas; meu corpo estava frágil.

— O Portão Leste é mais próximo — sugeriu, lançando-me um olhar.

A esperança cintilou, misturada à gratidão. Para alcançar o Portão Leste, teríamos que passar pelo salão principal. Chengyin tentava me ajudar, conduzindo-me até onde meu avô havia ido.

Enquanto atravessávamos o pátio às pressas, encolhi-me diante dos gritos que estrangulavam o ar, da chuva de cinzas, das chamas que devoravam as vigas de madeira — e, acima de tudo, do brilho das armaduras dos imortais enquanto avançavam por minha casa.

Mais perto do salão principal, os passos de Chengyin desaceleraram, ficando para trás de tia Shou. Ele se ajustou para que eu pudesse ver o interior, para vislumbrar meu avô.

Um imortal alto ocupava o centro do salão. A armadura negra, de bordas douradas, reluzia à luz das chamas; uma capa descia-lhe dos ombros. O punho de uma grande espada sobressaía às costas, entalhado em jade branco e ouro. O perigo emanava da tensão contida em sua postura, das armas que trazia — não apenas a espada, mas o arco preso às costas, as adagas ocultas na faixa da cintura. O Deus da Guerra, aquele que incendiara meu lar.

Sentada atrás dele, no trono de meu avô, estava a Rainha Caihong, soberana do Deserto Dourado. O diadema cintilante refletia lampejos do fogo lá fora; os lábios em tom vermelho-escuro se comprimiam numa linha dura.

Meu avô ajoelhava-se diante deles, com a testa encostada no chão. Fios grisalhos escapavam do coque e seu manto estava amarrotado e manchado. Quando se ergueu, disse algo que não consegui ouvir. O Deus da Guerra levantou a mão, envolta em um fulgor carmesim — meu coração se encolheu —, mas sua magia atravessou a entrada e pairou sobre as chamas do lado de fora, que se extinguíram tão abruptamente quanto haviam surgido.

À medida que os gritos cessavam lá fora, a voz de meu avô ecoou do chão onde permanecia ajoelhado.

— Agradeço, Honrado Imortal.